

Inteligência Estratégica: Uma ferramenta para governar.

VIEIRA, Cristóvão Repolho

Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Pará.

E-mail: cristovaorepolho@gmail.com

Resumo

Este artigo vem com a proposta de discussão teórica sobre a compreensão da importância da inteligência estratégica no seu uso prático como ferramenta administrativa pública governamental. Tendo em vista o acúmulo de informações do século XXI se faz necessário um setor adequado, competente e regionalizado para levantamento e análise desses dados e transforma-los em conhecimento útil para a gestão pública, que é um complexo e difícil ato de governar. Vamos neste artigo encontrar um breve histórico de conceitos sobre a história da estratégia. E algumas ferramentas de gestão estratégica são citadas e comentadas. Sobre o banco de soluções vamos encontrar comentários sobre a sua importância assim como o perfil das pessoas que atuariam numa equipe de inteligência estratégica. Quanto à questão da globalização e estratégia vamos ver citada como uma breve atualização dos projetos mundiais de administração do capital governamental e de como essa especialidade do ramo da administração pode ajudar um governo Estadual a manter a gestão do seu mandato modernizado e capaz de atuar em frente aos problemas mundiais e regionais.

Palavras chaves.

Estratégia, governo, inteligência, ideias.

Abstract.

This article comes with the proposed theoretical discussion on understanding the importance of strategic intelligence in practical use as a government public administrative tool. Given the accumulation of twenty-first century information if a suitable sector is necessary, competent and regionalized to survey and analysis of such data and turns them into useful knowledge for public management, which is a complex and difficult governing. Let's find this article a brief history of concepts about the history of strategy. And some strategic management tools are cited and commented. On the bank of solutions we will find comments about its importance as well as the profile of people who would work in a team of strategic intelligence. On the issue of globalization and strategy we see mentioned as a brief update of global project management of government capital and how this administration branch of art can help a state government to keep the management of their modernized and able mandate to act in front to global and regional problems.

Keys words.

Strategy, government, intelligence, ideas.

1 Introdução.

O artigo a seguir coloca em discussão a importância da inteligência estratégica e da criação de setores regionais de inteligência estratégica em órgãos públicos, ou pelo menos os mais importantes que tenham em sua natureza o escopo de segurança pública ou finanças por exemplo. Elevando assim o nível de importância de assessoramento científico para o setor do governo do Estado. Os mais competentes governos do mundo tem assessoramento de inteligência estratégica para antecipar mudanças do cenário político, identificar seus pontos fortes e fracos e as intenções dos adversários e acima de tudo estar sempre à frente dos oponentes.

As ideias deste artigo se direcionam para gestores de nível governamental, tais como Prefeitos e Governadores preocupados em otimizar suas atividades e diretrizes de governo. Uma equipe de inteligência estratégica bem composta, proporciona ao gestor uma maior tranquilidade no seu mandato e capacidade aumentada de concretização de planos e certamente maior poder de resposta diante de situações difíceis. Tal equipe tem plena convicção da importância de suas atribuições, sendo assim esse é um tipo de recurso indispensável para um gestor moderno.

Para alcançar esse objetivo devemos nos cercar de pessoas competentes e que realmente tenham conhecimento na área, geralmente essas pessoas são apaixonadas pela sua área de atuação trabalham pelo prazer de produzir conhecimento, transformam informações insuficientes e imprecisas em dados razoáveis e utilizáveis para que os governantes tomem as melhores decisões e na hora certa.

O gestor governante necessita estar consciente de seu papel e de sua responsabilidade de gerir o espaço físico e as relações sociais, quanto o espaço podemos associa-lo ao tempo pois se trata de uma unidade de medida importante pois algumas ferramentas de governança atuam de forma antecipativa, gerenciando riscos e planejando ações. Fazendo as devidas analogias podemos dizer que são ações do passado, presente e futuro respectivamente.

Alguns autores já desenvolveram ferramentas que auxiliam o trabalho do gestor público, ferramentas essas que estão sendo desenvolvidas com a ajuda das mentes poderosas e brilhantes. Tais ferramentas estratégicas assumem um diferencial vitorioso

nas relações humanas, pois a sociedade ao longo da sua história busca a evolução através de momentos difíceis onde a supressão do inimigo se faz necessário para a vitória projetada e planejada.

Causando assim um efeito cascata onde os atores do conflito acabam aprendendo com o vencedor e assim no futuro próximo alternando os resultados. E esses eventos quase todos motivados por relações de poder onde as necessidades psicológicas disfarçam as verdadeiras causas das disputas que são bem mais básicas, estamos falando de razões biológicas e de sobrevivência como água, alimento e espaço físico.

Os oponentes dos tempos atuais são oriundos das minorias emergentes de classes sociais que buscam tomar controle de alguns itens de sobrevivência citados acima. Mas como tecnicamente a maioria que detém o poder satisfaz a ânsia pública pelos bens básicos também recai sobre ele o dever de prorrogar o plano de governo proposto para determinado mandato.

Cabe assim ao gestor estratégico a forma mais criativa para perpetuar a vitória perante seus adversários e manter a vanguarda nos processos administrativos públicos, usando os recursos existentes e criando outros para determinadas situações nos quais a mente humana ainda é o maior diferencial.

2 Inteligência Estratégica.

A Inteligência Estratégica é o conjunto de ações e processos de análise de informações relevantes para formulação de concepções ambientais que impactam, de modo amplo, na gestão estratégica das organizações. Neste sentido, essa ideia que um Governador de um Estado do Brasil deveria de ter a preocupação aliada com a habilidade de escolher os meios certos de governar junto com a consciência de que um governo moderno e organizado só tem a dar bons resultados para o setor público, desta forma vamos encontrar um pequeno conjunto do grande potencial que o gestor tem a sua disposição para fazer a devida condução de sua equipe de governo.

Embora seja um conceito menos difundido que o de inteligência competitiva, a inteligência estratégica mostra-se mais adequada a apoiar modelos de gestão superior,

visto que a inteligência competitiva está mais veiculada às análises de informações de caráter do mercado. O principal foco da inteligência estratégica é o de oferecer um embasamento de informações para a adequada formulação e implantação de estratégias, utilizando, de forma mais eficaz, os recursos da organização e aprimorando o processo decisório (FULD, 2007).

Um conceito muito usado para falar sobre inteligência estratégica se resume em ter todas as informações disponíveis de forma rápida e segura e confiável, para acompanhar o planejamento e poder realizar simulações de cenários e possibilidades de negócios, torna-se indispensável uma ferramenta ágil e eficaz para conduzir a administração pública por exemplo. A atividade de inteligência estratégica não deve ser sazonal, ela deve ser contínua e de forma evolutiva e continuada.

Para Chiavenato (2009) a estratégia é basicamente um curso de ação escolhido pela organização a partir da premissa de que uma futura e diferente posição poderá oferecer ganhos e vantagens em relação à situação presente. A estratégia é ao mesmo tempo uma arte e uma ciência, reflexão e ação ou simplesmente pensar para agir e não pensar antes de agir.

2.1 A ferramenta do general.

A história da estratégia na literatura mundial é bem conhecida pelos estudiosos e assim é tida como a arte do general, ela nasceu com a função de governar nações ou comandar tropas diante de batalhas onde o inimigo se mostrava no mesmo nível de inteligência ou preparo tecnológico e bélico. O vocábulo teve sua origem na Grécia Antiga, significando, inicialmente, “a arte do geral”, adquirindo, posteriormente, uma conotação voltada para a guerra, denotando “general, arte e a ciência de conduzir um exército por um caminho” (MEIRELLES, 1995).

Neste momento a diferença entre o vencedor e o perdedor surge com o desenvolvimento e o uso de estratégias de soluções de problemas para a vantagem sobre o oponente se tornar concreta e evidente, desprezar o avanço tecnológico é abrir mão da vitória mas não podemos esquecer que a maior vantagem sobre o inimigo ainda é a

inteligência. Onde ser inteligente é saber escolher a melhor alternativa entre outras opções. Segundo Mintzberg (1983), o termo estratégia assumiu o sentido de habilidade administrativa na época de Péricles (450 a.C.), quando passou a significar habilidades gerenciais (administrativas, de liderança, de oratória, poder). Mais tarde, no tempo de Alexandre (330 a.C.), adquiria o significado de habilidades empregadas para vencer um oponente e criar um sistema unificado de governabilidade global.

Nos dias atuais fazer essa escolha requer um complexo nível de conhecimento de informações, elas devem ser filtradas e cruzadas afim de minimizar as margens de erro e originar estratégias novas e eficazes para aquele momento único. A história nos ensina que os estrategistas da antiguidade organizavam um conjunto de recursos disponíveis no momento e o transformavam em ferramentas impulsoras para alcançar seus objetivos assim como um jogador de xadrez escolhe a melhor jogada para derrotar seu oponente. Sendo assim, estratégia significava inicialmente a ação de comandar ou de conduzir exércitos em tempo de guerra para um esforço de guerra, conforme (GHEMAWAT, 2000).

Fazer algo diferente do previsto com a tecnologia e informações pode trazer duas possibilidades imediatas, derrota ou vitória inesperada. Segundo Porter (2004) abrir mão das informações externas e internas do meio de interação é abrir mão da vitória, uma boa estratégia requer entendimento sobre o assunto, o bom gestor tem capacidade de gerenciar uma equipe por que conheci bem o trabalho a ser feito e conheci bem as habilidades das pessoas que a executam. Os desenvolvimentos tecnológicos e competitivos já interligam muitos negócios e estão criando novas possibilidades para a vantagem competitiva.

2.2 A relação entre estratégia e globalização.

De acordo com Pierk (2003) a globalização é um fenômeno multidimensional que envolve a mudança na organização da atividade humana e no deslocamento do poder de uma orientação local e nacional no sentido de padrões globais, com uma crescente interconexão na esfera global. E por que não globalizar os conhecimentos e esforços

para alcançar a governabilidade planejada por uma gestão inteligente que dá valor ao capital humano que foi composta para assessorar a cadeia hierárquica governamental.

Nós não podemos fugir das tendências mundiais de melhoria da sociedade civil, muito pelo contrário, devemos acompanhar as evoluções e propor ideias de melhorias compartilhadas, países desenvolvidos já usam a inteligência estratégica dentro do contexto civil e não mais só no ambiente militar, o mesmo deveria ser feito por nações que almejam um desenvolvimento equiparado. Pois um setor assessorado especificamente pela agência brasileira de inteligência corre o risco de ter o foco errado do problema ou escala inadequada para observação dos fatos, faltando assim uma visão regional e pontual dos fenômenos sociais exemplificando com uma agência nacional podemos citar:

A Agência Brasileira de Inteligência que completou 15 anos no 7 de dezembro de 2014. A Abin foi criada em 1999, por meio da Lei nº 9.883, e é o órgão central do Sistema Brasileiro de Inteligência (Sisbin). Tem entre suas atribuições a execução da Política Nacional de Inteligência e a integração dos trabalhos dos órgãos setoriais de Inteligência do país. Dessa forma, a Abin presta assessoramento à Presidência da República assegurando-lhe o conhecimento de fatos e situações relacionados ao bem-estar da sociedade e ao desenvolvimento e segurança do país.(Informação retirada site http://www.abin.gov.br/em_20/04/2015).

A globalização é uma poderosa força que impulsiona o mundo na direção de uma convergência para a uniformização e essa força é a tecnologia. Ela proletarizou as comunicações, os transportes e as viagens. Ela fez de locais isolados e de povos empobrecidos em entidades ansiosas por usufruírem dos atrativos da modernidade.(MONTGOMERY,1998)

E assim podemos nos valer de modelos previamente testados em outras épocas e em outros lugares para usar na gestão estratégica de um município por exemplo. A tarefa de ajustar tais modelos a uma nova realidade não é obra para um homem só mas para uma equipe onde cada profissional colabore com os conhecimentos de sua área de atuação, uma verdadeira força tarefa para governar de forma descentralizada.

Para muitos programas governamentais, a descentralização foi uma proposta que adquiriu relevância na maneira de implementação das políticas públicas, uma vez que o poder local se torna protagonista da articulação entre organizações governamentais,

empresariais e sociais, ampliando a rede de ação pública por meio da inclusão de novos atores políticos (FLEURY e OUVÉNEY, 2007).

Com a ferramenta certa um Estado tem sua soberania de tomadas de decisões e acima de tudo pautadas em teorias de administração atualizadas e eficazes, para se falar em atualidade podemos sem medo algum falar de relacionamento social em redes. Que parece ser um assunto novo, mas não podemos esquecer que esta conexão já existia há muito tempo só que de uma forma mais lenta e mais fechada ou exclusiva como por exemplo, universidades de renomes internacionais que trocam conhecimento de alto valor científico entre si ou profissionais que restringiam o conhecimento da sua área através de linguagem técnica e específica.

E hoje em dia a internet vem como via expressa de conhecimento multifacetado onde encontramos vários níveis de informação, desde as falsas informações até as informações de classificação secreta ou oriunda de pesquisa de ponta. Segundo Cavalcanti (2007) a inteligência coletiva é a nova forma de produzir conhecimento em rede, identificada por Pierre Levy, através de conexões sociais e de ações dirigidas por comunidades que utilizam e se apropriam de ferramentas interativas disponíveis nos ambientes de rede.

Agora imagine a importância estratégica de acessar e de trabalhar com as redes sociais de hoje, este cenário virtual já existe e só está esperando ser organizado ou polarizado de uma forma que seja propício aos três pilares da gestão estratégica, que são recolher informação, analisar os dados e tomar as decisões.

Diz Cavalcanti (2007) que simplesmente não dá para comparar a competitividade do conhecimento produzido dentro das comunidades em rede com aquele ainda gerado pelos moldes antigos. A inteligência é fator decisivo na sociedade do conhecimento, será inexoravelmente mais competitivo se estiver em rede.

2.3 Uma questão estratégica de foco.

Saber identificar o problema é ponto fundamental para fazer as escolhas corretas das ações de acordo com as possibilidades do cenário organizacional e fazer o filtro

adequado de informações, principalmente quando o uso da inteligência estratégica é necessário. Segundo Michael Porter (2004) o processo de gestão do conhecimento, é uma atividade independente, mas, quando ligada ao processo decisório, está fortemente ligado ao processo de gestão da informação e ao trabalho e análise da informação. A inteligência estratégica pode ser considerada síntese do processo de trabalho da informação e do conhecimento, gerando conhecimento novo capaz de indicar novos caminhos para a empresa, a inovação em si é inteligência também.

Os fatos do ambiente externo são o mais difíceis de focalizar pois são problemas de natureza ativa e o interno é reativo, um exemplo dos problemas externos são as flutuações de mercado financeiro, opinião pública e crises. O exemplo do ambiente interno são as relações dos membros da equipe, mas todos os dois exemplos influenciam as deliberações das decisões e que em outros lugares adjacentes afetam a dinâmica do espaço de ação do grupo de inteligência. Segundo Mintzberg (2000) a estratégia não deve se tomada por uma definição simples e determinista, de forma a não limitar a avaliação das escolhas. Uma estratégia pretendida, durante sua implantação pode em parte ser alcançada e em parte não realizada, durante o processo podem emergir novas estratégias, sendo assim a organização tem como parte de sua estratégia, moldar seu próprio plano de ação a fim de se adequar as constantes mudanças no cenário organizacional.

De certo o fator externo serve como um balizador de mudanças necessárias e que o setor de inteligência deve estar atento para fazer os devidos ajustes pois este fator é ditador de mudanças deliberadas, pois as informações coletadas estão repletas de personalidades das fontes obtidas, sendo que a melhor fonte é de origem não publicada.

Segundo Costa (2007) a expressão, tudo é para ontem e se não for assim não serve representa uma situação típica de vários empresários e executivos que conhecemos. Esse enfoque é chamado de miopia estratégica, pois nessa situação as pessoas não são capazes de focar e de vislumbrar o médio nem o longo prazo, ou o que está fora de sua cidade, da sua região ou do seu país de onde poderiam estar vindos os maiores problemas ou as maiores oportunidades para a instituição.

2.4 Gestão de pessoas de uma equipe de inteligência estratégica.

Tudo começa com a composição da equipe de inteligência sendo a preocupação principal a ser buscada é a eficiência, aliada com a redução de números de integrantes, diminuindo assim o fator de descontrole interno causado pelas multiplicidades de personalidades inerentes ao psicológico humano. Outras instituições fazem o controle minucioso da vida particular e profissional de seus funcionários, diminuir essa preocupação é um problema a menos para o controle dos profissionais envolvidos.

A gerência de recursos humanos consiste em atividades envolvidas no recrutamento, contratação, treinamento, desenvolvimento e compensação de todos os tipos de profissional e a condução deste departamento afetam a vantagem competitiva em qualquer empresa, através de seu papel na determinação das qualificações e da motivação dos empregados e dos custos da contratação e do treinamento. (MICHAEL PORTER, 2004).

Nos dias de hoje é muito comum às pessoas terem mais de uma graduação ou especialização expandindo assim o horizonte de atuação do profissional em questão, podemos imaginar o quanto seria interessante para o grupo contar com um nível erudito e multidisciplinar elevado de sua equipe de trabalho. Quem sabe o mercado acaba desenvolvendo uma necessidade por profissionais multi-gabaritados reduzindo assim número de componente na equipe mas não sacrificando o recurso técnico de administração e solução de problemas. O trecho abaixo mostra sobre essa evolução do mercado de informação.

A informação é um elemento essencial para a criação, implementação e avaliação de qualquer estratégia. Sem informação adequada a respeito das variáveis internas e do ambiente onde a organização se insere, os responsáveis pela elaboração da estratégia não tem como identificar os pontos fortes e fracos, as ameaças e oportunidades de modo a garantir a manutenção da sintonia com o ambiente externo.(BEAL, 2008, p. 112)

Segundo Chiavenato (2001), a excelência almejada pelas empresas e instituições como uma alternativa de sobrevivência, pode ser alcançada principalmente, na base de investimentos em recrutamento, treinamentos, capacitação e desenvolvimento das pessoas, porém, faz-se necessário um adequado sistema de avaliação de desempenho capaz de indicar o acerto ou não das medidas tomadas.

2.5 O banco de soluções estratégicas.

As instituições públicas normalmente se deparam com dificuldades inerentes ao seu campo de atuação e desenvolvimento no mercado social, neste momento as organizações se valem das consultorias privadas e muitas das vezes com altos custos e complexidade para levantamento e exposição externa de dados secretos dos quais só interessam a própria empresa para seu plano de gestão e acompanhamento da estratégia de melhorias da organização.

Diante destes fatos uma ideia pode ser concebida para o setor público, a criação de um banco de ideias gerido pelo próprio governo estadual. Fazendo investimentos na capacitação de seus servidores e reforçando assim a reserva intelectual no Estado para colher lucros futuros de produção científica.

O banco de ideias tem como função disponibilizar as soluções criadas pelos funcionários e visam contribuir para melhorias no planejamento da empresa, também podemos dizer que é uma ferramenta de inovação de procedimentos ultrapassados e propondo assim um diferencial competitivo. Segundo Beal (2008) a boa gestão da informação evita que informações críticas para o sucesso da organização deixe de ser exploradas, e que o volume excessivo de informação acabe mascarando as informações relevantes para a solução dos problemas.

A forma mais prática para isso ser feito seria a capacitação do servidor público através de programas de pós-graduação onde cada servidor concluirá sua especialização ou mestrado com o compromisso de elaborar um artigo ou monografia dedicada a um determinado problema e sugerindo uma solução baseada em teorias científicas e pragmáticas. Assim ao final de cada período teríamos mais de uma centena de solução para problemas de gestão governamental.

Um exemplo prático no mercado financeiro vem de um empresário que nunca tinha contratado uma empresa de consultoria mas tinha sucesso em seu empreendimento, então em certa ocasião lhe perguntaram o segredo de seu sucesso e ele respondeu que seu êxito era porque ouvia seus funcionários para buscar informações e possíveis soluções para as ocorrências de sua empresa. Para ele os funcionários eram as pessoas mais indicadas para isso pois trabalhavam todos os dias com as mesmas coisas e eram

familiarizados com os processos e fluxos de produção e serviços, assim ele nunca precisou de consultoria externa.

No caso do Governo do estado do Pará que mantem um programa de capacitação do funcionalismo público através da escola de governo se torna bem mais fácil esse processo só faltando direcionar os trabalhos finais para transforma-los em soluções focalizadas em áreas públicas. O recurso humano ainda é a grande chave de sucesso em uma empresa competitiva não importa o tempo e o espaço que ela atue, seja ela pública ou privada, sua determinação e desempenho esta diretamente proporcional à motivação de sua equipe de trabalho. (PORTER, 2004).

2.6 Gerenciamento de crises.

Dando prosseguimento ao encadeamento de ideias a respeito da importância da inteligência estratégica como grande aliada na gestão pública podemos adicionar facilmente o gerenciamento de riscos como uma importante ferramenta administrativa para um governo eficiente e ágil, para cada ocorrência possível, um plano deve ser pensado em todos os seus detalhes. Planejar algo que não ocorreu é sempre um desafio, mas devemos levar em consideração que muitos acontecimentos se repetem ou mudam muito pouco seu perfil fenomenológico. Assim neste momento os planos pré-formatados entram em ação e às vezes precisam de leves ajustes em sua execução, mas são bastante úteis como ferramenta governamental.

A gestão de conhecimento é definida como um conjunto de ações sistemáticas e disciplinadas que uma organização pode adotar para obter o maior retorno possível do conhecimento produtivo disponível em cada tipo de administração. (BEAL, 2008).

Outro conceito que podemos encontrar nas palavras de Costa (2007) onde ele diz que gestão de riscos consiste em identificar, analisar, avaliar os riscos do projeto e dar tratamento adequado a eles. Assim, o gerente de sua equipe deve qualificar e quantificar os riscos envolvidos no projeto sob sua responsabilidade.

Diante de tais acontecimentos a equipe de inteligência tem como reponsabilidade a execução do plano mais adequado para sanar a crise. Podemos ter vários tipos de crise:

crise econômica, crise de comunicação, crise de gestão de pessoas, crise operacional e outras. As demandas foram sendo encontradas e os padrões foram sendo percebido e para esse fim o método PDCA foi desenvolvido por Walter A. Shewart, na década de 20 e introduzido no Japão após a Guerra. O escritor responsável pela divulgação do ciclo foi Deming, a partir de 1950, quando ficou conhecido como ciclo Deming. O PDCA é um método utilizado para agilizar os processos envolvidos com a gestão, podendo ser aplicado em qualquer empresa e em quaisquer departamentos ou setores públicos.

Para resumir como o método funciona podemos começar primeiro quando se planeja uma ação ou um conjunto de ações; em seguida, essas ações são executadas; depois, providencia-se uma lista do que foi executado, avaliando se tudo está de acordo com o planejado; por seguinte, procede-se ao estabelecer a ação de como o padrão de busca da sua melhoria ou correção do evento pode ser alcançado, e os resultados obtidos na verificação não tenham sido os esperados. Assim deve ser feito repetitivamente, de maneira cíclica, para eliminar ou pelo menos amenizar problemas, até que se defina um padrão, que também deve ser constantemente melhorado. Dessa forma, o PDCA é utilizado para estabelecer e manter padrões e também para a busca das suas melhorias de forma cíclica.

O ciclo PDCA é um método clássico da literatura, uma forma simples de organizar as melhorias em ciclos sucessivos, cada um deles composto de quatro fases ou etapas são de: Planejamento, execução, verificação e atuação.(COSTA, 2007. P.267).

Outra grande ferramenta administrativa que podemos encontrar na literatura estratégica é citada por Chiavenato (2009): O Balanced Score Card pois se trata de um score ou um placar balanceado e equilibrado que constitui uma gestão que envolve várias perspectivas diferentes e que devem ser integradas e balanceadas para promover a sinergia do sistema de avaliação que busca otimizar o desempenho das organizações que utilizam este método.

Se em algum caso o gestor se deparar com qualquer tipo de intercurso de crise ele estará municiado com as ferramentas mais adequadas para superar as dificuldades decorrentes de sua atividade de gestor, tendo o cuidado de customizar as ações de acordo com os eventos apresentados pelo contexto político do Estado.

3 Considerações finais.

Diante dos resultados da pesquisa sobre a importância da inteligência estratégica em um contexto regionalizado como uma verdadeira ferramenta para governar, pode ser feitas algumas considerações sobre esse assunto de grande relevância. Observamos continuamente na literatura de Gestão estratégica e nas de Administração um grande volume de informação e de conceitos que embasam o tema deste artigo de forma clara e bem argumentada, evidenciando assim a preocupação antiga dos autores da área com esse tema milenar e a busca constante de atualizar esse conhecimento.

As práticas estratégicas ao longo da história mudaram por completo o rumo que a sociedade humana tomou. Desta forma podemos perceber que a complexidade da sociedade altera continuamente as relações políticas mundiais, por exemplo temos as guerras Napoleônicas, as duas grandes guerras mundiais, e posteriormente a guerra fria e entre outras mais nas quais o maior artefato bélico sem dúvida é a inteligência humana, essa sim faz o diferencial incontestável diante do inimigo no campo de batalha.

Esse campo de batalha no contexto deste artigo se refere à gestão governamental de um Estado ou Município levando em consideração que as dificuldades políticas cotidianas se assemelham a das decisões políticas em tempo de guerra. Pois se referem a tomadas de decisões que impactam a milhares ou milhões de pessoas, uma responsabilidade desta grandeza deve ser tratada com o mesmo respeito e seriedade.

A importância de uma equipe regional de inteligência estratégica trabalhando para dar informações privilegiadas para gerar decisões incontestáveis para um Governador ou Prefeito é notoriamente relevante e com horizontes ilimitados tendo em vista que conhecimento é poder. E que informação só se transforma em conhecimento quando é analisada e validada por profissionais competentes. Alguns autores preveem severas mudanças no cenário político mundial futuro, então por que não nos preparamos agora?

A ideia central da inteligência estratégica é sempre estar bem informado e a frente de seus oponentes. Levando isso em consideração não podemos dispensar os pontos lembrados neste artigo, principalmente a do banco estratégico de ideias, por se tratar de um sistema simples de geração de soluções a curto e médio prazo. E outra mais importante ainda que é colocar em prática o uso das ferramentas existentes na literatura

pertinente a área discutida, como o ciclo de controle PDCA e o Balanced score card, elevando assim o nível de excelência na gestão de um Estado.

Percebemos nas dissertações dos autores da área da gestão estratégica que está havendo um equilíbrio e uma uniformização mundial nas formas e parâmetros de como lidar com a informação na era da computação avançada, onde as câmeras se tornaram presentes em celulares, leituras biométricas de digitais, e banco de dados consultáveis através de aparelhos móveis tornaram-se tão comuns quanto às tarefas mais rotineiras do dia-a-dia.

Temos que perceber que somos produtos da evolução da sociedade e estar cientes de que quanto mais capacitados somos, temos a obrigação de nortear as transformações do restante da sociedade, sempre intencionando a melhoria das práticas políticas e sociais. Essas atividades são muito difíceis de serem postas em prática pelo grau de complexidade de sua natureza, mas com as ferramentas certas é possível atuar de forma eficaz diante desta tarefa especial. Quando trabalhamos sós tudo parece mais difícil, mas quando trabalhamos em equipe tudo se torna possível.

Para um governante moderno é especialmente importante institucionalizar um serviço regional de inteligência estratégica e torna-la parte permanente de sua cadeia de planejamento e de comando, onde suas operações se tornem parte indispensável da missão de governar. Podemos enumerar os pontos positivos desta afirmativa: Equipe focalizada na escala regional dos acontecimentos, membros ambientados com as realidades de cada região do país, e hierarquização direta da equipe de inteligência com o governo do Estado dispensando assim terceiros que acabariam por dificultar o processo de planejamento e gestão pública.

Referências

BEAL, Adriana. Gestão estratégica da informação: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações/ Adriana Beal;- 3 reimpr. São Paulo: Atlas,2008.

CAVALCATI, Marcos, 1958- O conhecimento em rede: como implantar projetos de inteligência coletiva. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

CHIAVENATO, Idalberto. Planejamento estratégico/ Idalberto Chiavenato, Arão Sapiro.- 2ª ED.- Rio de Janeiro: Elsevier, 2009- 6ª reimpressão.

CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas. São Paulo: Elsevier, 2004.

COSTA, Eliezer Arantes da. Gestão estratégica: da empresa que temos para a empresa que queremos./ Eliezer Arantes da Costa.- 2ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

FLEURY, Sonia; OUVENEY, Assis Mafort. Gestão de redes: a estratégia de regionalização da política de saúde. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

FULD, L. M. Inteligência Competitiva: como se manter a frente dos movimentos da concorrência e do mercado. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

GHEMAWAT, P. A estratégia e o cenário dos negócios: texto e casos. Porto Alegre : Bookman, 2000.

KAPLAN, Robert. A estratégia em ação: Balanced scorecard / Robert S. Kaplan, David P. Norton; Tradução Luiz Euclides Trindade Frazão Filho. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

MONTGOMERY, Cynthia A. Estratégia: A busca da vantagem competitiva/ Cynthia A. Montgomery; Michael Porter- Tradução de Bazan Tecnologia e Linguística.- Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.-17ª reimpressão.

MINTZBERG, Henry; LAMPEL, Joseph; QUINN, James Brian; GHOSHAL, Sumantra. O processo da estratégia: conceitos, contextos e casos selecionados. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MEIRELLES, A. M. O planejamento estratégico no Banco Central do Brasil e a viabilidade estratégica em uma unidade descentralizada da autarquia: um estudo de

caso. Dissertação (Mestrado em Administração) – CEPEAD/FACE/UFMG, Belo Horizonte: UFMG, 1995.

PIERIK, Roland. Globalização e Governança Global : uma análise conceitual. 2003 Hague Joint Conference. pp. 454-462.

PORTER, Michael. Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e concorrentes. New York: Elsevier, 2004.

AGENCIA BRASILEIRA DE INTELIGENCIA, Homepage. extratos do site: Disponível em: <http://www.abin.gov.br/>). Pesquisado em 20 de abril de 2015.